



# BLUMENAU

em **CADERNOS**

---

Julho/Agosto 1983

Nºs. 7/8

TOMO XXIV

---

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau

Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio

Casa Flamingo Ltda.

Casa de Móveis Rossmark S. A.

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Imobiliária «D L» Ltda.

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau

João Felix Hauer - Curitiba

Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau

Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau

Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau

MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau

Moellmann Comercial S/A. - Blumenau

Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau

TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIV

Julho/Agosto de 1983

Nº.s. 7/8

## SUMÁRIO

Página

Depois da avalanche das águas estamos retornando .....	174
Subsídios à Crônica de Blumenau ..	175
República Democrática Alemã quer ajudar Blumenau .....	176
Família Brusque .....	177
Sistema de Bibliotecas ajudará Blumenau .....	180
Prefeito Dalto dos Reis Divulga ..	182
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau .....	183
"Musikkapellen", Festas, Salões, Bailes .....	193
Curiosidades de Uma Época — XXIV .....	196
Serriamente abalada pela enchente a Fundação "Casa Dr. Blumenau" pede ajuda .....	197
Autores Catarinenses .....	200
Bibliotecas Públicas e Particulares, Galerias e Oficinas de Arte. Museus. Pianos. Tudo ficou debaixo d'água .....	203

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 150,00 -- Atrasado Cr\$ 200,00

Assinaturas p/o exterior Cr\$ 1.000,00 mais o porte Cr\$ 1.000,00 total Cr\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

## DEPOIS DA AVALANCHE DAS ÁGUAS ESTAMOS RETORNANDO

"Blumenau em Cadernos" não pôde circular no mês de julho. A razão é bem compreensível: As cheias do Itajaí-Açu que registraram trágicas ocorrências em todo o município e em outras cidade da região, também nos atingiram. De acordo com relatório que estamos publicando nesta edição, é quase um milagre podermos hoje reaparecer com as edições nr. 7 e 8 acopladas para o mesmo tempo também podermos assim registrar o fato histórico de uma das maiores cheias já ocorridas desde a fundação de Blumenau e da maior destruição e danos causados a uma população que soma, hoje, cerca de 170 mil habitantes. Não fosse o dedicado desempenho e empenho de nossos companheiros que atuam no nosso pequeno parque gráfico e não teria sido possível sair com esta edição. Houve perdas e danos incalculáveis. Perdemos papel, coisa hoje muito preciosa pelo seu alto custo. Nossas máquinas foram duramente atingidas. A área ocupada pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" transformou-se de um momento para outro. Antes, um parque botânico cheio de flores silvestres, com suas alamedas limpas, convidativas para um passeio ao contato com a natureza. Agora, um amontoado de lama e toda a sorte de imundícies que as águas barrentas do rio trazem consigo. Estamos lutando para restabelecer ao que era. Não será fácil porque o próprio tempo terá que ajudar. Precisamos de muito auxílio de fora. Precisamos da compreensão daqueles blumenauenses que não tenham sofrido muito com as cheias. Precisamos comprar mais de vinte milhões de livros para restabelecer a nossa biblioteca que até antes da grande enchente, constituía-se até em motivo de orgulho não só para nós que a administramos mas especialmente para os milhares de usuários — na maioria a juventude estudantil que tanto precisa deste serviço.

Nós não ficaremos estagnados. Vamos sair à procura da boa vontade, da compreensão daqueles que sabem valorizar as instituições culturais e históricas de nossa terra. Qualquer colaboração que recebermos destinada à biblioteca, será transformada num livro que há de representar mais um estímulo ao estudo de nossos jovens e do povo em geral. Assim como contamos com a solidariedade e o apoio incondicional do nosso caro amigo o jovem e dinâmico prefeito Dalto dos Reis, cuja demonstração de fibra e vontade férrea de superar todos os óbices ficou patenteada com a tragédia que se abateu sobre o município e o povo que ele governa, sabemos que contaremos também com o povo em geral para recuperar e restabelecer um dos mais valiosos patrimônios culturais e históricos de Santa Catarina, tão necessário ao desenvolvimento da intelectualidade das gerações atuais e futuras.

Entristecidos com as perdas sofridas, grandemente empobrecidos no acervo que possuímos, não desanimaremos e haveremos de continuar a luta, incentivados por todos e, assim, haveremos de atingir a meta: recuperar as condições que permitam-nos continuarmos a pres-

tar, através dos diversos setores de nossa instituição — Biblioteca — Biblioteca Ambulante — Arquivo Histórico e Museu da Família Colonial, os serviços até então prestados em benefício de toda a comunidade e também do grande número de pessoas que de outros lugares aqui tem vindo pesquisar.

A Direção

## Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

O jornal "DIE VOLKSZEITUNG" (Jornal do Povo) do dia 9 de agosto de 1930, traz em seu editorial, algumas considerações sobre a falta de um ginásio em Blumenau, que merecem ser lembradas. Comenta o articulista: "Teria sido possível a brilhante carreira e ascensão de um Lauro Müller, de simples aluno de escola colonial até ao alto posto de Governador e Ministro de Estado, se ele não tivesse a sorte de estudar em bons estabelecimentos fora da colônia de Blumenau? Quantos talentos não estão se perdendo na colônia, por falta desta oportunidade. Infelizmente, muitos pais que possuem filhos inteligentes, não podem mandá-los para estudar em ginásio e escola superior lá fora, por falta de recursos. O primeiro blumenauense que mandou seus filhos estudar fora, foi o já falecido deputado Luiz Abry, que teve a satisfação de ver seu filho Guilherme, exercendo o cargo de Juiz de Direito em Mafra (aliás este ilustre blumenauense chegou a exercer, como desembargador, por vários períodos, o elevado cargo de Presidente do Tribunal de Justiça do Estado) e seu filho Gustavo, clinicando como médico no Rio de Janeiro. Outros filhos de Blumenau, cujos pais lhe deram oportunidade para cursar faculdades, são os advogados Dr. Edgar Barreto, Dr. Hans Gärtner e o médico Dr. Alfonso Rabe.

Quantos outros "bacharéis" Blumenau poderia apresentar, se a idéia, já lembrada há tempo por previdentes cidadãos, de se criar em Blumenau, um ginásio, fosse efetivada. Há bem pouco tempo ainda, o advogado José Ferreira da Silva, dirigiu-se aos padres franciscanos desta cidade, com a proposta de ampliar seu estabelecimento de ensino para um ginásio, tendo os padres prometido de se dirigirem a seus superiores com esta proposta, para obterem deles o consentimento, porém até agora nada de positivo foi realizado. Seria muito fácil solucionar este problema, pois o colégio dos padres já possui 6 classes com ótimos professores e avançado plano de ensino, prova disto é que os filhos dos senhores João Kersanach, Eurico Fonttes, Oscar Freitag e Dr. Nelson Guerra, os quais, saindo da quarta classe do colégio dos padres, fizeram seus exames de admissão, com distinção em ginásio fora de Blumenau. Portanto é prova de que as duas classes superiores do colégio já poderiam ser transformadas nas primeiras classes de um ginásio. Termina o articulista suas considera-

ções com a esperança de que em breve Blumenau teria um ginásio, para que então seus filhos pudessem prosseguir nos estudos, formando-se médicos, advogados, engenheiros e outros profissionais de nível universitário. — Agora, 50 anos mais tarde, felizmente, Blumenau possui, além de ótimos estabelecimentos de ensino de 2º. grau, a Fundação Educacional da Região de Blumenau — FURB — que mantém cinco faculdades: — a de Filosofia, Ciências Econômicas, Ciências Jurídicas, Faculdade de Educação Física e Faculdade de Engenharia, com seus diversos cursos, atualmente frequentados por cerca de quatro mil estudantes.

Aliás, é de se frisar aqui, que Blumenau já desde o início deste século, possuía na então "Escola Nova", sob direção do Reitor Strothmann, um estabelecimento da categoria de segundo grau, pois os alunos que o cursaram até a sua última classe, na época denominada de "Selecta", estavam aptos para cursar estabelecimentos de ensino superior, tanto assim, que Edgar Barreto, que em 1911 concluiu a última classe da Escola Nova, ingressou logo na Faculdade de Direito de São Paulo, enquanto que seus colegas de classe, Gustavo Busch e Karl Fouquet, foram prosseguir seus estudos em faculdades, na Alemanha, formando-se aquele em medicina e Karl Fouquet doutorou-se em filosofia, voltando ambos formados para o Brasil, sendo que Gustavo Busch, por cruel decisão do destino, não teve a felicidade de pisar novamente solo pátrio, pois na viagem de regresso à sua cidade natal, veio a falecer a bordo, em alto mar, nas alturas do Estado da Bahia, chegando a Blumenau apenas sua esposa, viúva, com dois filhos menores.

---

## República Democrática Alemã quer ajudar Blumenau

O Prefeito Dalto dos Reis recebeu, do Secretário e chefe do Serviço de Imprensa da Sociedade Nova Pátria, instituição diretamente ligada ao governo central na forma de um primeiro escalão, o telegrama que a seguir vamos transcrever. O signatário, sr. Erich Wischnewski, já esteve em Blumenau e, juntamente com o presidente sr. Minetti, foram os autores do convite que levaram àquele país, os prefeitos Felix Theiss, Renato de Mello Vianna e o deputado Alvaro Correia. Eis o texto do telegrama:

"Prefeitura Municipal de Blumenau  
Prefeito Dr. Dalto dos Reis.  
BLUMENAU — S.C.

Tomamos conhecimento, com grande consternação, da grande catástrofe com que foi atingida a cidade de Blumenau. Apresentamos, ao Senhor e à toda a população de Blumenau, a nossa simpatia e solidariedade. Recomendamos, à Cruz Vermelha da República Democrática da Alemanha, o envio de ajuda material à sua cidade.

SOCIEDADE NOVA PÁTRIA NA RDA  
ERICH WISCHNEWSKI - Secretário"

# FAMÍLIA BRUSQUE

## DADOS GENEALÓGICOS E BIOGRAFIAS

Nicolau Bruschi, nobre florentino, veio para Portugal em 1762 ou 1763, sendo logo admitido na Côrte; Grangeou a amizade e confiança de D. José II então rei de Portugal e dos Algarves e em maior grau do Príncipe D. João, quando Regente, e tanto assim que foi nomeado Mordomo-Mor do Paço Real. Casou-se em Lisboa com Dona Anna Joaquina Vieira de Aguiar e Almeida, dama pertencente à alta nobreza portuguesa. Desse consórcio nasceram em Lisboa 4 filhos: José Luiz, João, Francisco Vicente e Maria Amália. Por ocasião de seu casamento foi-lhe reconhecida a qualidade de nobre florentino de primeira linhagem e conferido o fôro perpétuo, com transmissão a todos os seus descendentes e, com todas as prerrogativas, de fidalguia portuguesa e inscrito seu nome nos registros da Torre de Tombo.

Quando D. João VI veio com a Família Real para o Brasil deixou Nicolau Bruschi em Portugal exercendo o cargo de alta confiança e importância de Administrador de Intendente Geral de todos os bens da Família Real e trouxe os dois irmãos João e Francisco Vicente, ambos militares, sendo que o último, que já era Alferes de Infantaria de Linha exerceu logo de chegada ao Rio de Janeiro o cargo de comandante de um terço de guardas.

Regressando D. João VI a Portugal levou consigo João Bruschi, que fôra incorporado aos Reais Exércitos do Vice-Reino no Brasil.

Vindo a capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, Francisco Vicente Bruschi, então já Tenente Coronel graduado de milicias, casou-se com Dona Delphina de Araujo Ribeiro, filha do Comendador José Antônio de Araujo Ribeiro de Braga, Francisco Vicente Bruschi prosseguiu na carreira militar, tendo exercido os cargos de Ajudante de Ordens dos Governadores das capitanias de São Paulo e São Pedro, e como os Governadores acumulavam então também o cargo de Comandante das Armas e Ajudante de Ordens, exercia também as funções de cargo correspondente ao atual cargo de chefe de Estado Maior.

Proclamada a Independência do Brasil a ela aderiu lealmente, sendo confirmado no Exército e promovido a Coronel do Estado Maior do Exército. Neste posto exerceu o cargo de Assistente Militar do Governo Provisório da Província de São Pedro e organizada esta, constitucionalmente, foi nomeado Comandante da Guarnição de Depósito da Capitania de Porto Alegre, cargo que exerceu até falecer em 1829.

Nos arquivos das municipalidades de Viamão e Porto Alegre e do governo da então Província existe a assinatura de Francisco Vicente com o Brusque escrito diferentemente: BRUSCHI e BRUSCHE.

Como sua viúva e filhos continuassem o mesmo uso o Visconde do Rio Grande aconselhou que adotassem a forma Brusque, por

ser mais própria a forma abrigada de Bruschi e deste modo desde 1846 ou 1847 foi definitivamente adotada.

Francisco Vicente Bruschi possuía várias condecorações e medalhas porém não foi encontrada nota nenhuma a respeito.

Era fidalgo com exercício nas Casas Real de Portugal e Imperial do Brasil e era Grande do Império.

D. Pedro I dispensava-lhe tanta amizade e intimidade que quando esteve no Rio Grande ia todas as noites, sozinho, à casa de Francisco Vicente e tomava chá com ele e sua família e dizia que ali sentia-se bem, junto de um amigo sincero, leal, e longe de fingimento.

### CONSELHEIRO FRANCISCO CARLOS DE ARAUJO BRUSQUE

Descendente de uma das famílias mais ilustres do Rio Grande do Sul, era filho legítimo do Coronel Francisco Vicente Brusque, Grande do Império e Fidalgo com exercício nas Casas Real de Portugal e Imperial do Brasil, Comandante da Guarnição de Depósito da Capital de Porto Alegre, e de Dona Delphina Carlota de Araujo Ribeiro Brusque tendo nascido em Porto Alegre a 24 de maio de 1822, falecendo em Pelotas a 23 de setembro de 1886.

Havendo feito em São Paulo o curso de preparatórios, matriculou-se na Academia de Direito dessa Capital e obteve grau de bacharel, cinco anos depois, isto é, em 17 de novembro de 1845. Regressando para sua Província foi eleito deputado à assembléa Provincial para as legislaturas de 1849, 1854, 1856 (atas encontradas no desfalcado arquivo).

Nomeado auditor da guerra em 1851 pelo Governo Imperial (conforme documento original do Conde de Caxias, comandante do exército brasileiro em operações de guerra contra estrangeiro) obteve nessa campanha a medalha de ouro de mérito militar e as honras do posto de Coronel (campanha de 1852).

Como deputado encontramos seu nome nos Anais da Câmara dos Deputados dos anos 1856 a 1859, 1865, 1872, 1873, 1874 e 1875, sendo eleito em uma das legislaturas pela província do Amazonas.

Nomeado Presidente de Santa Catarina pelo Governo Imperial a 6 de setembro de 1859 aí fundou diversos núcleos coloniais, dos quais um deles é hoje a cidade de Brusque, procurando também civilizar os selvagens da região.

A 20 de março de 1861, à instâncias do Governo Imperial e por intermédio de seu Ministro da Justiça o Exmo. Sr. Francisco de Paula N. Sayão Lobato, acedeu em assumir o governo da província do Pará, por alguns anos, onde além de outros serviços entregou-se ao estudo dos hábitos e costumes das tribos selvagens a fim de poder trazê-las à civilização, sendo o seu trabalho sobre as tribos do Amazonas e do Pará classificados pelo Conselheiro Ladislau Netto como dos mais completos em conhecimentos dos indígenas do Brasil.

Conseguiu além de catequese, classificação e proteção a essas

tribos selvagens, fundar com os índios Tambés, então dispersos, uma aldeia que denominou Santa Leopoldina, confiando ao cidadão Pedro Loureiro da Costa a direção dessa aldeia, estabelecendo as bases de seu governo econômico e instrução de seus habitantes.

Deu ainda largo incremento aos núcleos da aldeia da Ararauдена entregando a sua direção ao Alferes Ignácio Leopoldino da Andrade (Relatório apresentado a Assembléa Legislativa do Pará em 1862 e 1863).

Foi ainda durante o seu governo que se deu o incidente com os vapores de guerra peruanos MORONA e PASTAZA que tentaram violar os direitos brasileiros, recebendo por este ato do Presidente, altivo protesto e enérgica reação armada.

Depois de haver se retirado da vida política em 1875 dedicou-se exclusivamente ao mister de advocacia. Nunca foi jornalista.

Foi Ministro da Marinha no periodo da guerra do Paraguai e interinamente da guerra.

Pensamos sem afirmar, que tenha residido no Rio Grande do Sul, até 1853.

Entre outras condecorações o conselheiro Brusque era condecorado com Oficialato da Ordem da Rosa, Hábito de Cristo e Gran Cruz do Leão Neerlandez.

Nota - Foram deixados de mencionar outros serviços prestados a Pátria, que estão arquivados nos relatórios das Presidências do Pará, Santa Catarina, Ministérios da Marinha, da Guerra e Anais do Parlamento.

Biografia Album do 1º. Centenário de Brusque

Edição da Sociedade Amigos de Brusque, cuja diretoria era composta pelos Srs.:

Ayres Gevaerd - presidente; Horst Schlösser - vice presidente; Armando E. Polli - 1º. secretário; Cyro Gevaerd - 2º. secretário; Antônio Heil - 1º. tesoureiro; Wallace Borba - 2º. tesoureiro.

Conselho —

Dr. Guilherme Renaux; Gotthard Pastor; Arthur Schlösser; Pe. Raulino Reitz; Carlos Cid Renaux.

Suplentes do Conselho —

Wilson Santos, Bernardo Stark, Euclides Visconti, Pastor Lindolfo Weingärtner e Luiz Strecker.

---

### AS ENCHENTES DANIFICARAM QUINZE MIL HIDRÔMETROS EM BLUMENAU

Segundo relatório divulgado pela direção do SAMAE, no dia 11 de agosto corrente, as enchentes que assolaram Blumenau desde o começo do ano, danificaram cerca de quinze mil hidrômetros, representando 80% do total até então instalados em toda a rede que abastece Blumenau.

## Sistema de Bibliotecas ajudará Blumenau

A seguir publicamos o texto da carta enviada à bibliotecária Mitsi Westphal Taylor, Coordenadora do Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina, onde a Fundação Casa Dr. Blumenau faz um relato pormenorizado dos danos causados pela enchente de julho na Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller e Museu da Família Colonial:

“Blumenau, 08 de agosto de 1983.

Ilma. Sra.

MITSI WESTPHAL TAYLOR

DD. Coordenadora do

Sistema de Bibliotecas Públicas de SC.

FLORIANÓPOLIS

Prezada Senhora

Conforme ficou acertado na conversa que tivemos quando de sua visita à esta Fundação, dia 4 do corrente mês, para, “in loco” constatar os danos causados pela enchente que durante os dias 7 a 18 de julho último inundou toda a cidade e região de Blumenau, catástrofe esta relatada em nossa carta de 21 de julho, vimos enviar-lhe um ofício mais detalhado, em forma de relatório, dos profundos danos causados ao patrimônio cultural desta Fundação.

A Fundação Casa Dr. Blumenau, instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972 e declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2.028, de 4 de setembro de 1974, e que deve, entre seus objetivos maiores, zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do Município, é mantenedora das seguintes unidades culturais: Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller, Arquivo Histórico Municipal, Museu da Família Colonial, Parque Gráfico onde é editada entre outras publicações a revista mensal “Blumenau em Cadernos”, e responsável ainda pela conservação do Horto Florestal Edith Gaertner.

Na enchente do mês de julho, quando as águas do Itajaí-Açu elevaram-se a 16,35 metros acima de seu nível normal, foram duramente atingidos pelas águas da enchente a Biblioteca Pública e o Museu da Família Colonial, com quase dois metros de água em suas dependências.

### Biblioteca Pública

Na Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller, registrada no INL sob o Nº. RM — 145 PM, e que em julho deste ano completou 31 anos de existência, os danos foram bastante elevados. Numa avaliação por-

menorizada chegou-se a conclusão de que trinta por cento (ou talvez um pouco mais) do acervo bibliográfico constituído de 69.011 títulos registrados (excluídos revistas e periódicos) ficaram inteira ou praticamente inutilizados. Também os fichários (dez ficaram inutilizados) e muitos dos móveis (vinte estantes de madeira, vinte cadeiras e cinco mesas, balcão de atendimento e recepção), como também as próprias dependências (pintura, portas, janelas e outras benfeitorias) foram seriamente danificadas.

Senhora Coordenadora, como possuímos apenas uma bibliotecária formada (outras duas meninas possuem as mínimas noções de biblioteconomia) e como carecemos de todas as condições e recursos para a recuperação dos livros atingidos pelas águas, muito necessitamos do seu apoio e colaboração no sentido de remontar-mos ou reconstituirmos nossa biblioteca, como também orientar-nos e auxiliá-nos na recuperação dos livros estragados pelas águas.

Não apenas de mão-de-obra especializada necessitamos. Também algum auxílio em numerário nos ajudaria a recompor o acervo bibliográfico perdido. Todas as áreas do conhecimento humano foram atingidas: Filosofia, Ciências Sociais, Ciências Puras, Ciências Aplicadas, Belas Artes, Literatura, História e Geografia, Filologia e Linguística, Religião e Generalidades. Igualmente cerca de quinhentos livros da Biblioteca Ambulante, como a Seção em Braille (mais de cinquenta volumes — didáticos e romances) também foram atingidos. Somadas as nossas inúmeras e valiosas coleções (em maior número as enciclopédias), acreditamos elevar-se a cifra dos vinte e cinco milhões de cruzeiros os prejuízos só em livros perdidos.

### Museu da Família Colonial

E não foram apenas na Biblioteca, Senhora Coordenadora, os danos causados à nossa Fundação. Também o Museu da Família Colonial, como igualmente o Horto Florestal Edith Gaertner, receberam mais de um metro e meio de água da enchente. De muito esforço e auxílio, principalmente deste último, necessitaremos para recuperar as centenárias dependências do Museu, bem como as peças nele expostas, principalmente os móveis submersos, todos de inestimável valor histórico”.

De posse do ofício acima a Coordenadora do Sistema de Biblioteca já manifestou-se favoravelmente, dizendo que além de uma contribuição em dinheiro o Sistema emprestará seu pessoal técnico para ajudar a recompor e reativar a Biblioteca Pública de Blumenau.

## PREFEITO DALTO DOS REIS DIVULGA

### ENCHENTES CAUSARAM PREJUÍZOS DE CR\$ 12,8 BILHÕES EM BLUMENAU

As enchentes ocorridas em Blumenau nos meses de março, maio e julho último apresentaram, somente para o Poder Público Municipal, a soma de prejuízos na ordem de Cr\$ 12.868.842.623,52 bilhões, segundo relatório com o levantamento de custos para recuperação física da cidade, divulgado pelo prefeito Dalto dos Reis. Destas, apenas a catástrofe verificada no período de 6 de julho a 2 de agosto corrente, causou prejuízos calculados em Cr\$ 10.852.669.449,52 bilhões.

"Em danos materiais não há precedentes que se lhe compare a enchente de julho", informa o documento, acrescentando que "80 por cento da população sofreu grandes perdas, ficando ao desabrigo um número considerável de pessoas (cerca de 40 mil desabrigados e 120 mil flagelados)".

O relatório aponta que "o Poder Público tem, assim, fulminados os recursos previstos para este exercício", lembrando, mais adiante que, apesar da ampla divulgação dos acontecimentos e prejuízos sofridos por Blumenau com as enchentes neste primeiro semestre do ano, o Governo Federal respondeu apenas com Cr\$ 30 milhões até o momento.

#### Resumo de julho

No resumo de custos apresentados ao prefeito Dalto dos Reis, a Secretaria de Obras e Serviços Urbanos registrou o maior volume de prejuízos, que alcançam a cifra de Cr\$ 6 bilhões e 459 milhões, referente a enchente de julho e início de agosto corrente. A Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social foi a segunda a sofrer mais prejuízos, calculados em Cr\$ 3 bilhões e 500 milhões. As outras secretarias municipais e autarquias apresentaram os seguintes levantamentos de prejuízos: Secretaria de Administração, Cr\$ 3,6 milhões; Secretaria de Agricultura, Cr\$ 19,7 milhões; Secretaria de Educação e Cultura, Cr\$ 58,3 milhões; Secretaria de Turismo, Cr\$ 208,7 milhões; Companhia Urbanizadora de Blumenau-URB, Cr\$ 85,6 milhões; Sociedade Promocional de Blumenau do Menor Trabalhador - PROMENOR, Cr\$ 5,4 milhões; Serviço Autônomo Municipal de Terminais Rodoviários - SETERB, Cr\$ 4,7 milhões; Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto —SAMAE, Cr\$ 19,2 milhões e Fundação Educacional da Região de Blumenau-FURB, Cr\$ 488 milhões.

#### Três enchentes

A enchente ocorrida em março último, entre os dias 2 e 6, que atingiu a quota de 9,85 metros acima do normal, os prejuízos foram de Cr\$ 515,9 milhões; em maio, quando o nível das águas subiu a 12,05 metros, os prejuízos foram de Cr\$ 1 bilhão e 500 milhões; Entre os dias 6 e 18 de julho último, ás águas subiram a 15,37 metros, elevando-se novamente no final do mês e início de agosto corrente, provocando os prejuízos citados de Cr\$ 10 bilhões e 852,6 milhões.

# HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

— Mais uma vez os meus sinceros agradecimentos. E agora professor Martius que acabei de matricular-me na sua Universidade para cursar botânica, sentir-me-ei feliz em ser seu aluno.

— Muito bem! Terei imenso prazer de ministrar-lhe os maravilhosos ensinamentos da botânica, o maravilhoso mundo vegetal da Natureza que é obra-prima de Deus! Porventura o meu jovem amigo gosta, aprecia a Natureza?

— Imensamente professor Martius, eis a razão de querer estudá-la para melhor compreendê-la e admirá-la.

— Ótimo! Está cursando algo mais?

— Sim professor, Química e Filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade de Erlangen.

— Er...lan...gen! Minha querida terra natal, meu caro amigo!

— Devo terminar o curso em março de 1864, aliás, o ano que vem.

Martius pôs a mão no queixo e ficou sério por alguns momentos como que lembrasse de algo importante:

— O meu jovem amigo já conhece o embaixador brasileiro em Berlim? Ele é muito meu amigo.

— O Barão Humboldt se ofereceu para quando eu for a Berlim apresentar-me, mas, se o conhece gostaria de ter comigo, uma carta de apresentação do professor, será possível dar-me?

— Ora! Com imenso prazer, se bem que a apresentação do Barão Humboldt, por si só, é suficiente e satisfaz plena e absolutamente seus desejos, no entanto, quando estiver com o embaixador, Miguel Calmon du Pin e Almeida, dê-lhe um grande e afetuoso abraço que lhe mando, como seu velho e querido amigo. Só este abraço será o suficiente para que ele compreenda o interesse que tenho de ver seus desejos atendidos por ele. Sua excelência é um hábil diplomata, meu caro e jovem amigo. Vai gostar muito dele e ele será de grande utilidade para complemento de seus planos.

Depois de receber de Martius todas as gentilezas, Blumenau despediu-se do mestre indo para o hotel fazer seus planos futuros.

## OS PREPARATIVOS FINAIS NA ALEMANHA

1844/46

### I

Por intermédio de Alexandre von Humboldt entrou, no final do ano de 1844, Blumenau em contato com a "Sociedade de Proteção aos

imigrantes Alemães no Sul do Brasil". Esta sociedade, fundada por capitalistas e homens de representações sociais e comerciais de muito prestígio político, escolheu Blumenau para representá-la no Brasil, porque Humboldt, que já conhecia muito bem os planos colonizadores de Blumenau, indicou-o como o homem certo para resolver e proteger todos os projetos da novel sociedade no Império Brasileiro.

Essa sociedade, fundada dois anos antes, confiou-lhe a missão de estudar "in loco" as condições brasileiras, e preparar o terreno para uma colonização em ampla escala, concedendo-lhe, além de ajuda de custo para a viagem, um ordenado mensal de 200 mil réis, que entrariam a vigorar no dia que ele embarcasse para o Brasil, o que realmente aconteceu, somente dois anos depois da assinatura do contrato.

Naquela noite no hotel em Berlim, Blumenau em seu quarto repousando pensava feliz:

"Humboldt, era para ele um homem extraordinário, não só o tinha recebido, carinhosamente, como estava pondo todo seu fantástico prestígio político em ajudá-lo. Ora! Se assim procedia tão ilustre homem público era porque, realmente, seus planos colonizadores muito o impressionaram e aquele contrato que acabara de assinar era a prova indiscutível de que seus planos, quanto a colonização no Brasil, eram exequíveis. Olhou para o alto e pediu a Deus que o ajudasse e, o quanto antes, pudesse embarcar para dar cumprimento ao contrato e aos seus planos colonizadores".

## 1846 — EM BERLIM O ENCONTRO COM O EMBAIXADOR BRASILEIRO

### I

Blumenau forma-se em Química e Filosofia e, diploma na mão, parte para Berlim ao encontro de Humboldt e posteriormente, com o embaixador brasileiro, Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Blumenau chegou à casa de Humboldt, conforme já havia marcado hora, às três da tarde e, imediatamente, foi recebido pelo barão:

— Como vai, sr. barão Humboldt?

— Muito bem e o meu jovem como está?

— Curioso para poder lhe agradecer o contrato que há tempos assinei, por vossa indicação e recomendação, com a "Sociedade de Proteção aos imigrantes Alemães no Sul do Brasil".

— Ah!... Sim... de fato pediram-me num encontro com vários políticos e comerciantes que se associaram com o intuito de proteger nossos patrícios que emigram para o Brasil, notadamente, para o Sul daquele Império, que indicasse pessoa responsável e capaz de representá-los naquele país, e então lembrei-me do meu jovem, indicando-lhe para o cargo que penso coincidir, exatamente, com seus ideais colonizadores, pois não?

— Exatamente sr. barão, e, é justamente por isso que aqui estou, não só para lhe agradecer como também, para que vossa excelên-

ciã, se possível, marque um encontro com o embaixador brasileiro.

— E já se formou em Filosofia, meu jovem, quanto ao português, já aprendeu?

— Sim excelência, formei-me em Filosofia em março último e estou apto em português, pois estudei durante quase dois anos.

— E Botânica com o professor Martius?

— Não completarei o curso, estudei apenas dois anos, e para mim, é o suficiente, já que queria ter mesmo conhecimentos gerais de botânica.

— E o professor Martius, que tal como professor?

— Admirável mestre e melhor amigo, pois tivemos uma relação bem estreita que para mim foi formidável e muito me ajudou nos conhecimentos gerais do Brasil, e até, o local que irei visitar para minha provável instalação no Brasil, da colônia que me proponho fundar.

— Dr. Martius é, de fato, um grande mestre. Mas, vamos falar então sobre o embaixador brasileiro, Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.

— Estou curioso, sr. barão Humboldt, para conhecer muito sobre a vida deste homem que sei, é extraordinária.

— Grande homem e melhor político e, sem dúvida, brilhante diplomata.

— Sr. barão Humboldt, faço questão de passar às vossas mãos o tratado de "Imigração e Colonização Alemã" que acabo, este ano, de editar em Leipzig.

— Interessante meu jovem, acabei de receber do embaixador um trabalho muito parecido com o seu, um momento que está aqui na biblioteca, vou vou apanhá-lo.

Quando Humboldt voltou, Blumenau estava radiante com a coincidência:

— Veja meu caro jovem.

— Sr. barão poderia me emprestar para ler hoje à noite, e devolvê-lo amanhã, tão logo tenha terminado sua leitura?

— Claro meu jovem poderá levá-lo e devolver quando puder.

— Não sr. barão, vou lê-lo hoje mesmo e terminar a minha curiosidade em poder sentir o ponto de vista do embaixador brasileiro sobre o assunto que mais me fascina.

— Pode levá-lo à vontade e devolvê-lo sem pressa, meu jovem.

Muito bem meu jovem! Vamos então falar sobre o nosso ilustre embaixador brasileiro. Miguel Calmon du Pin e Almeida. Ele é um homem de ilustração enciclopédica e de profundo conhecimento do mundo, orador fluente e escritor brilhante. Fomentador da lavoura e da imigração. Antigo estudante de Coimbra, a célebre universidade portuguesa e uma das mais antigas e famosas da Europa. Participou em 1822, logo após a Independência do Brasil, da expulsão dos portugueses. Consolidou seu prestígio, mais tarde, como deputado, senador e representante diplomático do Brasil na Inglaterra, França e Prússia e obviamente atualmente, em Berlim. Homem maravilhoso, de fi-

no trato e cultura estupenda, tenho certeza, meu jovem, este seu encontro com o embaixador Miguel Calmon será memorável e inesquecível!

— Assim espero sr. barão, sem dúvida nenhuma!

Dois dias depois, com a carta de Humboldt, o Dr. Blumenau vai ao encontro do embaixador em Berlim.

## II

Na embaixada brasileira, o Dr. Blumenau aguardou pouco tempo na sala de espera, a carta de apresentação de Humboldt facilitou-lhe a entrevista que foi marcada tão logo o embaixador brasileiro deusa, perguntando ao secretário:

— Quem é o portador da carta, é o próprio Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, sem dúvida, pois não?

— Sim excelência!

— Mande-o entrar para a sala de conferências que já vou atendê-lo. Coloque meu relatório sobre "Imigração e Colonização Alemã para o Brasil" sobre a mesa, depois mande-o entrar e aguardar.

Quando o Dr. Blumenau entrou na sala de conferências, depois de olhar pará todos os lados, fixar-se no retrato de Dom Pedro II, sentou-se vendo sobre a mesa, exatamente, o relatório que Humboldt lhe emprestara e ele lera dois dias antes com a máxima atenção, sentindo-se feliz por verificar que o ponto de vista do embaixador, sobre a imigração alemã para o Brasil era, exatamente, igual ao seu. Tentou apanhar o relatório para novamente ter em suas mãos, mas, relutou, pensou consigo mesmo: "É muita indelicadeza, bisbilhotar documentos de um embaixador, não! Não farei isso, ademais, já o conheço muito bem e quase o decorei". E sorrindo de seus pensamentos sensatos, viu que a porta se abriu e, amavelmente, com a carta de Humboldt na mão, entra o embaixador, cumprimenta-o sorridente, alegre com o encontro, e depois de pedir para o Dr. Blumenau sentar-se; apanhou o relatório sobre a mesa:

— Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, veja bem, este relatório feito sem conhecer o seu, publicado em Leipzig, que acabei de receber há dias, lendo-o com o máximo interesse, fiquei feliz em verificar que nossos pontos de vista, quanto a imigração alemã para o Brasil são, pode-se dizer, quase os mesmos e em nenhum momento conflitantes.

— Senhor embaixador, é com imensa alegria e maior satisfação que afirmo-lhe ter vossa excelência toda razão e a mesma alegria que está sentindo já senti também.

— Mas como! Por acaso já leu meu relatório que poucos têm conhecimento já que distribuí-o, apenas, aqui na Alemanha as mais ilustres personalidades de Berlim tão somente!

— Há três dias, por gentileza, o barão Humboldt emprestou-me para que o lesse e confesso, ao terminar senti-me feliz por verificar que nossos pontos de vista são coincidentes, num assunto que é para mim

de alta importância, porque vou dedicar-me de corpo e alma a colonização alemã em vosso país, senhor embaixador.

— Excelentes e maravilhosos propósitos, Dr. Blumenau, porque pelo seu relatório vejo que conhece bem o assunto da colonização e sem dúvida terá os melhores resultados e, é o que espero com a máxima sinceridade pode crer, meu jovem.

— Muito obrigado excelência.

— Quando viaja, Dr. Blumenau?

— O mais tardar até fim deste mês de março.

— Então, é muito breve, vou lhe dar uma carta de apresentação para um velho amigo meu servindo no Ministério de Exterior brasileiro, antes de viajar, com toda certeza vem se despedir de mim...

— Sem dúvida nenhuma excelência!

— Quando entregar-lhe-ei a carta. Mas, Dr. Blumenau, o sr. está falando, fluentemente, a nossa língua, e isto muito o ajudará no Brasil, meus parabéns! Interessante, o sr. chegou falando o português, eu nem notei que estava falando com um alemão, só agora é que percebo o quanto fala bem a nossa língua, aprendeu com algum professor português ou brasileiro?

— Com um alemão que serviu muitos anos na embaixada alemã no Rio de Janeiro, aposentou-se, veio para cá e é professor de português, aliás, um excelente professor.

— Sem dúvida nenhuma, excelente mesmo! Vamos comentar o seu relatório dr. Blumenau, confesso que impressionou-me, profundamente, o número de teutos domiciliados nos Estados Unidos, 6 milhões de alemães para uma população norte-americana de 20 milhões de almas, praticamente, um terço da população é alemã. Imagine o sr. Dr. Blumenau, se essa massa humana tivesse sido deslocada para o Brasil, qual seria o nosso progresso hoje? Simplesmente fantástico! Porém, os três séculos de colonização, se ganhamos na unidade da língua, nos imensos oito mil quilômetros quadrados de território, perdemos muito no nosso desenvolvimento, quer agrícola, industrial e mesmo econômico-social, somos um país pobre vivendo em solo ubérrimo de riquezas fabulosas, faltando braços para explorá-las em toda sua grandeza, porém esperamos, que o sr. faça da sua colônia, que em breve implantará no Brasil, um exemplo da capacidade criadora e geradora de progresso, como, exatamente, seus patrícios fizeram na grande nação norte-americana.

— Creia sr. embaixador, são estas, as minhas mais sinceras e nobres intenções.

— Pelo que conheço de seus trabalhos ninguém melhor do que o sr. para conseguir resultados, extraordinários, com seus colonos que bem orientados e melhor assessorados, só poderão colher frutos maravilhosos. Eu confio, Dr. Blumenau, que o seu sucesso será alcançado tal qual seu maior sonho de colonizador.

— Bem gostaria que vossa excelência estivesse no Brasil para dar-me o apoio e o auxílio que tanto preciso para levar a bom termo meus propósitos colonizadores.

— Estarei sim, pois já fui convocado para os serviços junto à Corte, e lá estarei, no máximo, dentro de uns seis meses.

— Excelente notícia, sr. embaixador. Ao chegar no Brasil terei que ir ao Rio Grande do Sul, para inspeção na colônia de São Leopoldo, onde passarei uns dois a três meses, depois irei a Desterro, regressando para a Corte, no Rio de Janeiro.

— Além de São Leopoldo há mais duas colônias no Rio Grande, pois não?

— Sim excelência, em Três Forquilhas e Torres.

— Qual a população alemã nesta zona?

— Em São Leopoldo, aliás, no Brasil ao todo, são uns 8.500 alemães.

— O sr. Dr. Blumenau tem idéia da Província brasileira em que fixará sua colônia?

— Ainda não. Depois de chegar ao Brasil, pretendo, tão logo regresse do Rio Grande do Sul, verificar áreas em São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Segundo informações colhidas com o professor Martius, também, a Província de Santa Catarina seria recomendável para minha colônia, já que merece particular atenção por seus magníficos portos e sua uberdade. A única desvantagem seria o clima mais quente; todavia a região prestar-se-ia tão bem ou melhor que o Texas, visto não estar assolada pela febre amarela e pelos Comanches, tribo guerreira entre os índios do Texas, visitasse com muito interêsse a Província de Santa Catarina.

— De fato, Dr. Blumenau, a Província de Santa Catarina é muito interessante e dispõe de terras fertilíssimas e abundantes rios, sem dúvidas, bons portos de mar.

— O sr. Dr. Blumenau, conhece o último relatório do presidente da União Norte-Americana sobre seus patricios?

— Não excelência!

— Entre muitos elogios ao seu povo, diz ele textualmente: "louvo nos colonos teutos a aptidão para o trabalho da agricultura e para as artes e ofícios, o culto das tradições, o amor à família, a conduta moral, a sobriedade e resignação, seu espírito pacífico e o respeito às autoridades. Menciona também sua natural repugnância à escravatura. Nessa base examina conscienciosamente tudo quanto diz respeito a imigração alemã para a grande nação norte-americana.

— Senhor embaixador, ao ler vosso magnífico trabalho sobre a emigração alemã para o Brasil, chamou-me a atenção de vossa excelência não se ocupar da questão da língua.

— Essa questão, Dr. Blumenau, é mais do governo brasileiro do que do próprio imigrante, já que a educação do povo é dever e dos mais importantes de um governo, e na educação se inclui a aprendizagem da nossa língua para os que, voluntariamente, queiram aprendê-la, como a nacionalidade brasileira não impomos, e sim, damos para os que queiram se naturalizar, espontaneamente.

— É exatamente, excelência, esse o meu ponto de vista também. Aliás, penso até que para todos os alemães que se fixarem na colônia

o governo brasileiro deveria conceder a expedição da carta de cidadania brasileira, o que acha sr. embaixador?

— Poderá Dr. Blumenau tentar ao requerer sua colonização, porém, acho difícil tal acontecer. Veja bem, na América do Norte, para exemplificar, o estrangeiro naturalizado passa a ser americano de verdade, para todos os efeitos de lei, com os mesmos deveres, mas também com os mesmos direitos e possibilidades que desfrutam lá os nacionais. Lá no Brasil, Dr. Blumenau não é bem assim. Embora vejamos com agrado a aceitação da nossa nacionalidade, por parte dos estrangeiros, fazemos-lhe, todavia, restrições na sua qualidade. O naturalizado entre nós é, por assim dizer, um brasileiro de “segunda classe”. Lamentavelmente, Dr. Blumenau!

— É tão severa assim a naturalização, excelência?

— Dr. Blumenau, infelizmente é sim! Mas, por quê? Vamos às raízes da civilização, quer dos norte-americanos, quer a nossa brasileira. A América do Norte foi formada pelos europeus, notadamente, pelos navegadores espanhóis e franceses a partir do século XVI. Muitos ingleses emigraram, a partir do século XVII, onde fundaram, de 1607 a 1733, treze colônias: Virginia, Massachussets, New Hampshire, Maryland, Connecticut, Rhode Island, Carolina do Norte e do Sul, New York, Delaware, New Jersey, Pensilvânia e finalmente a Geórgia. A França fundou a Louissiana em 1803, e a Espanha, a Flórida em 1819. Como se verifica, numa análise superficial, a civilização norte-americana é uma mistura de raças e culturas européias, inclusive dos 6 milhões de patrícios seus, Dr. Blumenau, que para lá imigraram, assim sendo, é a União Norte-Americana uma terra de estrangeiros, daí o processo de naturalização dar aos estrangeiros todos os direitos e deveres dos norte-americanos, igualando-os aos nacionais. No entanto, o que somos nós, Dr. Blumenau? Um país de formação e cultura luso-brasileira. Os portugueses nos povoaram cruzando as raças índias e escravos negros com eles, portugueses. Tanto que, até a nossa Independência em 1822, éramos uma população onde a maioria era de mulatos. Os estrangeiros para nós, Dr. Blumenau, até então, eram vistos como agressores, tendo como causa principal, a 1.ª invasão holandesa de 1624, na Bahia, de onde foram expulsos, após um ano, e a segunda, em Pernambuco, onde se mantiveram por 24 anos, de 1630 a 54. A civilização luso-brasileira já tinha raízes profundas e os holandeses não conseguiram impor-se. Apenas durante algum tempo, a excepcional capacidade política do Príncipe Maurício de Nassau deu grande brilho à dominação, mas, os brasileiros iniciaram a reação anti-holandesa e os expulsaram. Portanto, os estrangeiros no Brasil, naquela época não eram bem vistos e as consequências refletiram-se nas leis de naturalização que só com o tempo irão desaparecendo aos poucos. Eis aí, Dr. Blumenau, em rápidas pinceladas, as causas e os efeitos da nossa rigidez quanto às naturalizações.

O problema das naturalizações, Dr. Blumenau, na sua colônia não deve preocupá-lo, deixe que se processe naturalmente, espontaneamente; há, isso sim, outros problemas de muito maior importância,

como por exemplo: o da aculturação de seus colonos. São duas culturas em choque em vias de adaptação para o processo de seleção dos valores, com base na avaliação mútua dos mesmos, levando-se a efeito as alterações da tradição cultural dos componentes de cada grupo em choque. Terão seus imigrantes, que lá no Brasil se localizarem, de se habituarem às modificações na esfera da chamada cultura material: habitação, vestuário, alimentação, modo de trabalho, de locomoção — o meio obriga o imigrante a aceitar, como condição de sobrevivência.

Os seus imigrantes, Dr. Blumenau, terão que se habituar não só com o novo tipo de alimentação como com o feijão, a farinha de mandioca, a carne-seca, além dos instrumentos de trabalho desconhecidos para eles como a foice, o carro de boi, a mula, a balsa como meio de transporte e locomoção no precário sistema de comunicação, a enxada, como instrumento de trabalho no campo e, o que é muito importante do ponto de vista estético, a troca das grossas calças de veludo pelas do pano leve, como o riscadinho e outros tecidos, completamente diferentes, e os tamancos, pelos chinelos de couro.

A incorporação desses valores importa, naturalmente, na eliminação, no todo ou em parte, de acordo com a sua adaptação ao novo ambiente, dos elementos correspondentes trazidos com eles em suas bagagens.

— Sr. Embaixador! Sem dúvida nenhuma tudo que vossa excelência expôs quanto as culturas que irão se defrontar, eu espero poder evitar este choque frontal, isolando a minha colônia de todo e qualquer convívio com as metrópoles, cidades e lugarejos, até que o tempo tenha consolidado a aclimatação, as culturas mateirais, e meus colonos se sintam presos a colônia pela satisfação de suas realizações, dentro da diversidade das produções, quer agrícola, pastoril e industrial. Esse isolamento fará com que em quase nada maculem as suas culturas originais, já que a língua permanecendo intata no seu uso e linguajar, as adaptações, indispensáveis, às culturas materiais luso-brasileiras e processarão, lentamente, como inevitáveis, e elemento principal de sobrevivência na colônia.

O que pretendo, sr. embaixador, é preciso que isso fique bem claro, não é isolar de todo os meus colonos dos brasileiros, mas sim, até que tudo na colônia esteja consolidado suficientemente, para esse indispensável convívio como fator de desenvolvimento e progresso da colônia que não poderá viver em permanente isolamento, já que ela se incorporará com o tempo às demais cidades brasileiras, trazendo nas suas fundações toda cultura original teuta, que se adaptará a luso-brasileira, sem ter sofrido o choque de duas culturas, completamente diferentes, que se fundirão por obra do tempo, sem os entrechoques e os perigos de não-adaptações que redundariam no fracasso da própria colonização.

Costumo dizer, simbolicamente, sr. embaixador, que o que eu vou implantar no Brasil, bem em seu sertão, é uma "Pequena Alemanha" com toda sua cultura e tradições teutas. mas, de alma e coração brasileiros. Se não exigir dos "Pioneiros" qualquer choque cultural, se eles puderem sentir a minha colônia brasileira como se fosse a exten-

são de seus próprios lares alemães, terei, sr. embaixador, feito obra de colonização eterna e duradoura que os séculos consagrarão.

— E poderá fazer, por que não? Dr. Blumenau! Se não exigimos de seus colonos que se tornem brasileiros, nem falem a nossa língua, tão somente, respeitem-nos, bem como nossas leis.

— A grande lição que aprendi nesta nossa conversa, sr. embaixador, leva-me a crer, e porque não dizer: ter a certeza de que realizarei, em seu país, obra colonizadora respeitável que embora reconheça suas dificuldades e contratemplos, não abalarão meus propósitos, porque estão bem alicerçados em meu ideal de colonizador.

— Tenho plena certeza Dr. Blumenau, que tal acontecerá, e peço a Deus que o ajude, para o bem, a grandeza e a prosperidade do Brasil, pois reconheço o quanto sua colônia poderá servir a nosso país, como já estão fazendo seus patrícios no Rio Grande do Sul.

— Assim espero excelência, sinceramente.

— E será Dr. Blumenau porque o sr. tem profundo conhecimento de causa, espírito de renúncia e é um idealista, predicados que o conduzirão ao sucesso, sem dúvida e, é claro, com a ajuda de Deus!

A palestra foi interrompida pelo secretário do embaixador que comunicava ter se encerrado o expediente da embaixada.

— Excelência o expediente está encerrado. Posso retirar-me ou ainda precisa de meus serviços?

— Não! ... Não, muito obrigado. Mas, faça-me um favor Carlos, avise a embaixatriz que temos um amigo para o jantar — virando-se para o Dr. Blumenau — O Dr. Blumenau jantará conosco, pois não?

— Sem dúvida sr. embaixador e muito agradecido pelo convite.

— Avise então Carlos, a embaixatriz que o dr. Hermann Bruno Otto Blumenau é nosso convidado para o jantar de hoje, e pode em seguida retirar-se meu bom amigo e melhor secretário.

— Obrigado excelência, muito obrigado e muito boa noite Dr. Blumenau.

— Boa noite Dr. Carlos.

— Bem, temos muito tempo ainda Dr. Blumenau e eu gostaria de falar sobre um assunto de suma importância para seus planos colonizadores.

— Terei grande prazer em ouvi-lo excelência.

— É, Dr. Blumenau, sobre a escravidão!

— Interessante excelência, era justamente, o que eu pensava discutir no desenrolar de nossa conversa e é, de fato, chegado o momento.

— O sr. dr. Blumenau é contra a escravatura, ou a favor?

— Excelência, totalmente contra!

— Ótimo! Maravilhoso! Dr. Blumenau!

— Sempre tenho dito que enquanto tiver voz de comando em minha futura colônia, nenhum colono terá escravos!

— Está com isso, Dr. Blumenau, evitando futuros e grandes contratemplos. Porém vamos abordar o assunto porque ele em si, muito nos interessa. Como já deve ser de seu conhecimento os ingleses que são, totalmente, contra a escravatura, fizeram passar em seu par-

lamento, o ano passado, estamos em 46 não é? Então o ano passado, em 1854, a célebre ei "Bill Aberdeen" em nós, bem como os Estados Unidos, também, fomos signatários dela. Portanto, concordamos que os ingleses combatam em qualquer parte do mundo, notadamente nos mares, todo e qualquer navio que admita conduzir escravos, seja qual for a nacionalidade.

Dada a grande influência inglesa nos Estados Unidos, muito principalmente, no norte do país, a lei "Bill Aberdeen" foi aceita com severas restrições do Sul do país, que de forma alguma concorda com qualquer espécie de abolição da escravatura, e não se iluda, dr. Blumenau, desenha-se desde já, uma futura contenda do Norte, abolicionista, contra o Sul, escravocrata.

Nosso governo, principalmente nosso Imperador Dom Pedro II, apressou-se em assinar a Lei "Bill Aberdeen", para evitar que o problema da escravidão no Brasil, não venha a se constituir, num futuro próximo, um quisto social de proporções irreparáveis, como está acontecendo na grande nação norte-americana de uma luta aberta desde já, do Norte contra o Sul.

Se a Lei Aberdeen combate o tráfico de navios negreiros, consequentemente, ela sustem o problema da escravidão, nao permitindo que a população negra no Brasil aumente de forma alarmante. Este é, sem duvida, o aspecto social da questão, porém, temos o outro aspecto, o econômico, que se agrava com a falta de braços escravos para a nossa lavoura, principalmente, se somos um país, essencialmente, agrícola, e o sr. sabe Dr. Blumenau, que o poder econômico é bem mais poderoso que o social. Mesmo assim, Dom Pedro II resolveu enfrentá-lo, pensando desde já, no desenvolvimento da imigração para suprir a falta de braços negros, naturalmente, sem a nódoa escrava, buscando uma fórmula econômica de remuneração, quer por meios monetários, ou em troca de serviços, por bens de produção. O que procura o governo de nosso jovem Imperador é, desde já, estudar bem, os vários ângulos do problema da falta de braços escravos, sem que haja perturbações quer de ordem social ou econômica, de modo a não macular a estrutura financeira do país, que tem sua base econômica na nossa grande agricultura, em parte, na cana-do-açúcar, e na do café, que é o sustentáculo e a viga-mestra de todo poder econômico do nosso Império.

Nosso imperador, Dr. Blumenau, apesar de jovem, é estudioso e conhece bem nossos grandes problemas, onde se destaca desde já, tão logo surgiu a "Lei Bill Aberdeen", que é prenúncio, indiscutível, da longa e penosa caminhada abolicionista. Pretende o nosso Imperador percorrê-la, sem sacrifícios ou qualquer derramamento de sangue brasileiro, porque somos, Dr. Blumenau, um país de índole pacifista, embora corra em nossas veias o sangue quente de nossos intrépidos bandeirantes.

— Sr. embaixador Miguel Calmon, tem vosso Imperador toda razão quanto a escravidão e é, justamente, para evitar tais problemas futuros que não admitirei em minha colônia negócios ou compras de

escravos, não que eu seja contra o negro, mas sim, contra a fórmula desumana da escravidão, que o negro é tão somente o efeito, e não a causa dela. Ademais, meus colonos não serão “senhores de engenho” e sim, pequenos proprietários, já que minha colônia será dividida em pequenos lotes, onde possa ser desenvolvida e bem, diversificada, a agricultura, suinocultura, os laticínios e a indústria, trabalhada pelos meus colonos, ou ajudada, por trabalhadores livres e assalariados e nunca por escravos.

— Eu o felicito por tão nobres e humanos propósitos, Dr. Blumenau.

— Muito obrigado excelência.

(Continua)

---

## “Musikkapellen”, Festas, Salões, Bailes...

Edith Kormann

As “Musikkapellen” (conjuntos ou bandinhas musicais) tinham um papel importante na vida artística e social da Colônia. A-brilhantavam as festas e alegravam os bailes, principalmente os bailes públicos. Hermann C. Ruediger ( ), fundou e dirigiu a primeira “Musikkapelle” da Colônia Blumenau. Ruediger regeu concertos no Teatro “Frohsinn”, salão dos Atiradores, praças, salões e outros locais, durante as festas de Páscoa, Natal, aniversários das sociedades, carnaval, comemorações e outras festividades. Quando a Comunidade homenageou a memória do Chanceler Otto von Bismark, no dia 14 de agosto de 1898, a “Musikkapelle” Ruediger, ao lado do coral misto Harmonie, atrilhou as homenagens. Para angariar fundos para a construção do monumento ao Dr. Blumenau, a Comunidade Blumenauense promoveu no Teatro “Frohsinn”, no 1º dia de Pentecostes de 1900, um concerto público regido por Ruediger. Também no concerto em benefício da Comunidade Evangélica, realizado no dia 15 de novembro de 1902, a “Liebhaber Kapelle Ruediger” apresentou belíssimos números musicais. Ruediger estava sempre presente em todas as festividades. Depois de Ruediger outros conjuntos musicais foram surgindo bem como, verdadeiras bandas musicais inclusive no interior da Colônia. Em 1864, formou-se também a quarteto de Wilhelm Scheeffer, que atuou no primeiro aniversário da Sociedade de Canto Germânia, no dia 3 de agosto de 1864, e que tocou na discreta ceia dos quase 150 associados. Após essa atuação nada mais consta sobre o referido quarteto. Destacou-se também a “Musikkapelle” de Carl Lingner ou Lingnerkapelle. Ruediger e Lingner tocavam em conjunto na

---

( ) Hermann Ruediger e a Musikkapelle pg. (Blumenau em Cadernos)

Casa dos Atiradores e estavam sempre presentes, principalmente nos bailes comemorativos como no dia 11 de novembro de 1883, homenagem à Martin Luther; dia 2 de dezembro de 1883, o homenageado foi S.M. o Imperador do Brasil com concerto às 3 horas da tarde, no segundo dia de Natal, à tarde, grande concerto da banda Ruediger & Lingner e à noite, baile. No concerto de Natal de 20 de dezembro de 1884, a "Lingnerkapelle" aparece como "Ruediger e Lingnerschen Kapelle". No dia 28 de outubro de 1900, a Sociedade de Canto "Frohsinn" festejou seus vinte e cinco anos de fundação e também o jubileu de prata de Carl Lingner, dirigente do coral.

Famosa na época, foi a banda de Gustav Werner, barbeiro, oficial de justiça e grande pistonista que fundou com seus filhos o Conjunto Werner. As bandas de Ruediger e Werner tocavam em estilo de fanfarras. A banda de música Werner participou das festividades dos vinte e cinco anos do vapor "Progresso" entre Blumenau e o porto de Itajaí no dia 9 de dezembro de 1904. Eram comuns na época as churrascadas com baile, e a banda Werner participava com frequência com seus concertos. A banda de Graupner também era muito conhecida, tocou no dia 18 de maio de 1901, quando Blumenau recebeu a visita do Dr. Felipe Schmidt. Nas homenagens ao ilustre visitante, os festejos também foram abrilhantados pela banda de música de Ligner.

A banda de Ernst Bernhardt ficou famosa por ser formada por 11 membros de sua família. Bernhardt percorreu vários estados brasileiros, deu concertos na Argentina para onde mudou-se posteriormente com toda a família. Bernhardt obteve grande sucesso, principalmente no exterior. O "Blumenauer Zeitung" de 4 de outubro de 1913, em Notícias Locais, teceu comentários sobre a vinda da família Bernhardt. Segundo a nota, ele era grande dirigente que, na Argentina, Uruguai e Chile fez nome com o conjunto musical formado somente por integrantes de sua família. Em Blumenau, a família Bernhardt apresentou o seu primeiro concerto no dia 7 de outubro de 1913, concerto que lotou o Teatro "Frohsinn". Segundo a crítica, a Comunidade blumenauense "teve uma noite inesquecível que deve ter agradado a todos os espectadores. O mais jovem dos integrantes, Udo, foi sublime ao xilofone." O primeiro concerto do "Conjunto de Damas" da família Bernhardt foi realizado no dia 16 de outubro de 1913 no Teatro "Frohsinn", e a crítica elogiou a interpretação da "Damen Orchester" dizendo que "as partituras tiveram uma excelente interpretação, e que além de trechos de operetas famosas apresentaram peças musicais bem mais difíceis. A primeira violinista tocou com suavidade e maestria. Todos esperam que concertos dessa natureza se repitam". Do programa do dia 16 de outubro constaram números como: Cavalaria Ligeira (ouverture) de Suppé; Sere-nata de Schubert; O Trovador de Verdi; a Sinfonia do Guarani de Carlos Gomes; O Barão dos Ciganos (notpourri) da Op. de J. Strauss; Cavalaria Rusticana (fantasia) da Op. de Mascagni; Tan-

haeuser (marcha) de R. Wagner; Huguenotes (fantasia) da Op. de Meyerbeer, entre outros.

A família Bernhardt apresentou-se no salão Teutônia, hoje Ipiranga, salão Lueders em Indaial e Blumenau. No dia 9 de novembro o concerto da "Damen Orchester" da família Bernhardt foi em benefício da Escola Nova, e do programa constaram números como: As Bodas de Figaro (ouverture) de Mozart; Sonho de Valsa de Strauss; Operetten Revue (potpourri) de Fetras; Preciosa (fantasia) de Carl M. von Weber; O Vendedor de Pássaros (portpourri) Op. de Zeller. Norma (fantasia) da Op. de Bellini; Orfeu no Inferno (abertura) de Offenbach; Rapsódia Húngara n.º 2 de Liszt; O Estudante Mendigo da Op. de Milloecker; Dança Húngara n.º 5 de Brahms e outros, e no dia 16 de novembro no Salão Richard Holetz colaborou com a Sociedade Harmonie com a peça musical "O Califa de Bagdad, abertura de Boaldieu e Martha (fantasia) de Flotow.

No dia 24 de dezembro de 1913, no 1.º e 2.º dia de Natal, o último grande concerto da "Damen Orchester" da família Bernhardt com números musicais de Flotow, Offenbach, Lehar, Jeffel, Suppé, Donizetti, Schubert, Mydleton, Héroid, Gounou, Garcia, Thomas, Bizet, C. Gomes, Lincke, Leoncavallo, Verdi e outros, foi uma verdadeira consagração.

Ernst Bernhardt, quando da visita da sua "Musikkapelle" a Blumenau, ficou no Uruguai, aparecendo em Blumenau em 1919, quando o "Jornal do Commercio" de Blumenau comentou que Ernst Bernhardt fundou uma Sociedade Musical em Blumenau que realizou concertos públicos. A nota no jornal, datada de 18 de fevereiro de 1919, deseja êxito a Ernst Bernhardt pela iniciativa, convidando os blumenauenses interessados para uma reunião no Teatro "Frohsinn" no dia 23 de fevereiro, às 3 horas da tarde. A "Gazeta de Blumenau" de 19 de fevereiro de 1919 também teceu comentários elogiosos a Ernst Bernhardt pela grande iniciativa, e solicitou a colaboração de todos para a Sociedade Musical, pois tal sociedade ligará o útil ao agradável, colaborando no progresso da URBS. A Sociedade Musical fundada recebeu o nome de Sociedade Musical "LYRA" e funcionava no Teatro "Frohsinn". A Sociedade Musical "LYRA" apresentou o seu primeiro concerto no jardim público no dia 15 de novembro de 1919. Em 1922, pelo Centenário da Independência do Brasil, a Sociedade Musical "LYRA" já atuava sob a batuta do maestro Heinz Geyer, que reuniu todos os bons músicos de Blumenau para atuarem na "Musikkapelle LYRA", que desfilou no dia 7 de setembro de 1922 em homenagem à Independência do Brasil. Ernst Bernhardt já retornara a Argentina.

(Continua)

## FUNDIÇÃO DO SR. AUERBACH (Década dos 20s.)

S.C. Wahle

Blumenau sempre teve fundições de ferro fundido. A que mais se salientava durante a minha infância era a da Empresa Industrial Garcia, localizada no bairro do mesmo nome.

Entretanto outras menores apareciam e desapareciam, ou por falta de tecnologia adequada, ou por falta de recursos, ou mesmo por falta de programa.

Uma destas fundições foi a do Sr. Auerbach, localizada na Itou-pava Seca. Esta fundição mais tarde foi incorporada a Electro Açç Altona S. A.

Um mestre fundidor de Blumenau, contou-me muito sobre as fundições do Vale do Itajaí e o que chamou-me a atenção foi a primitividade com que operavam.

A fundição do Sr. Auerbach não foi excepção. Nos fundos da mesma havia um morro com matas que se estendiam até o bairro da Velha. Nestas matas, na época ainda haviam pássaros selvagens como tucanos, inhambus, como os mais importantes.

Era muito comum escutar-se os cantos dos inhambus ou tucanos. Isto provocava uma verdadeira corrida às matas, de espingarda na mão, para caçar os pássaros.

Dizem que na fundição do Sr. Auerbach sempre haviam 3 a 4 espingardas carregadas. Assim, não era raro que ao escutar o canto dos pássaros, agarravam-se as espingardas e abandonava-se o serviço as vezes por horas. Na maioria dos casos voltavam de mão abanando.

Assim, certa vez ao vasar o forno cubilô para fundir, uma peça de responsabilidade, já moldada, com o ferro líquido já na panela, apareceram os gritos dos inhambus na mata vizinha e foi um só grito "os inhambus estão aí". Largaram tudo, agarrando as espingardas e saíram correndo para a mata. Resultado, caçou-se um inhambu, o forno esfriou, solidificando o ferro no seu interior, e o ferro líquido da panela esparramado pelo chão, perdendo o molde e queimando modelo que estava próximo.

Eu ainda conheci o Sr. Auerbach, e tive a oportunidade de comentar com ele o fato ao qual ele se manifestou afirmativamente acrescentando: "o sr. sabe, isto era assim mesmo, pois até eu tomava parte nestas caçadas".

## Serriamente abalada pela enchente a Fundação "Casa Dr. Blumenau" pede ajuda

Um "Memorial Descritivo de Perdas e Danos" está sendo enviado pela Fundação Casa Dr. Blumenau aos principais órgãos e entidades culturais brasileiros e estrangeiros (públicos e privados), entre eles a Fundação Roberto Marinho, Ministério da Educação e Cultura, República Federal Alemã, Sociedade Nova Pátria, na Alemanha Oriental, etc. O objetivo é sensibilizar aquelas entidades no sentido de ajudar a reconstruir o patrimônio cultural blumenauense.

A seguir o texto integral do documento:

### "MEMORIAL DESCRITIVO DE PERDAS E DANOS DA FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU" NA ENCHENTE QUE INUNDOU O VALE DO ITAJAÍ-AÇU NOS DIAS 8 A 18 DE JULHO DE 1983

1.1 A Fundação "Casa Dr. Blumenau", instituição criada em 1950, então sob a denominação de Sociedade Amigos de Blumenau, passou à denominação atual e adquiriu sua personalidade jurídica a partir de 07 de abril de 1972, através da Lei nº. 1.835, foi declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº. 2.028, de 04/9/74, com sede à Alameda Duque de Caxias 64, e mantém sob sua jurisdição a "Biblioteca Pública Municipal Dr. Fritz Müller", "Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva", "Museu da Família Colonial", "Horto Florestal Edith Gaertner" e, durante 26 anos edita a revista mensal "Blumenau em Cadernos", composta e impressa em gráfica própria.

1.2 São objetivos da Fundação "Casa Dr. Blumenau" zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do Município; organizar e manter o Arquivo Histórico da região do médio e alto Vale do Itajaí, colonizada a partir de 1850 através do empreendimento agrícola aqui iniciado pelo Dr. Blumenau; promover a divulgação das tradições culturais e do folclore regional; promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais da região; criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural, e promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos

de interesse cultural do Município e da Região do Vale do Itajaí, e que congrega uma população de hum milhão de habitantes, aproximadamente.

2. A grande catástrofe que se abateu sobre a cidade de Blumenau entre os dias 8 a 18 do mês de julho de 1983, elevando as águas do Rio Itajaí-Açu a 16,35 metros acima do seu nível normal, trouxe, além dos mais variados e trágicos prejuízos à toda a comunidade regional, profundos danos ao patrimônio cultural da cidade, notadamente na Fundação "Casa Dr. Blumenau". Três de suas unidades culturais — Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller, Museu da Família Colonial e Horto Florestal Edith Gaertner — foram duramente atingidos. Nas dependências da Biblioteca como nas do Museu as águas elevaram-se a quase dois metros. No Horto Florestal determinados locais receberam até dez metros de água de altura.

3.1 Na Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller, com 390 metros quadrados de área útil construída, registrada no INL sob o nº. RM-145 PM, e que em julho deste ano completou 31 anos de existência, os danos foram bastante elevados. Numa avaliação pormenorizada chegou-se a conclusão de que trinta por cento (ou talvez um pouco mais) do acervo bibliográfico constituído de 69.011 títulos registrados (excluídos revistas e periódicos) ficaram inteira ou parcialmente inutilizados. Todas as áreas do conhecimento humano foram atingidas: Filosofia, Ciências Sociais, Ciências Puras, Ciências Aplicadas, Belas Artes, Literatura, História e Geografia, Filologia e Linguística, Religião e Generalidades. Igualmente cerca de quinhentos livros da Biblioteca Ambulante, como a Seção em Braille (mais de cinquenta volumes — didáticos e romances) também foram atingidos. Também os fichários (dez ficaram inutilizados) e muitos dos móveis (vinte estantes de madeira, vinte cadeiras e cinco mesas, balcão de atendimento e recepção), como também as próprias dependências (pintura, portas, janelas e outras benfeitorias) foram seriamente danificadas. Somadas as inúmeras e valiosas coleções (em maior número as enciclopédias), acreditamos elevar-se a cifra dos vinte e cinco milhões de cruzeiros os prejuízos só em livros perdidos.

3.2 Para se ter uma idéia da importância da Biblioteca junto à comunidade, é bom ressaltar que no decorrer de 1982 trinta mil e quinhentas pessoas visitaram a Biblioteca. Foram consultadas 22.726 obras e emprestadas 8.676. Na Biblioteca Ambulante no mesmo ano foram emprestados 8.023 livros, 193 consultas, 2.029 novas inscrições e feitas 103 visitas a 15 localidades do município.

4. Em 1952, quando ainda era residência, o Museu da Família Colonial foi doado à Fundação Casa Dr. Blumenau. Sua criação deveu-se a um grupo de pessoas da cidade que preocupadas com o acervo cultural recolhido durante as comemorações do centenário de Blumenau queriam assegurar um local apropriado para a guarda da me-

mória histórica do Município. Edith Gaertner, herdeira e sobrinha-neta do fundador da cidade, foi quem doou à Prefeitura Municipal a casa em que residia, com parte do mobiliário, desde que os bens doados fossem administrados pela Fundação Casa Dr. Blumenau, transformando-os em Museu e destinados, principalmente, a mostrar às atuais e futuras gerações, como vivia uma família nos primeiros anos da colonização do Vale do Itajaí. No Museu da Família Colonial estão guardados dois pianos, armários, escrivaninhas, camas, bidês, conjunto de copa, estofados, jóias, vasos, lampiões, relógios, cristais raros, pratarias, telas, arcas, cofres, livros raríssimos da coleção do fundador da Cidade, cálices, armas, retratos, etc. De todo o acervo, pelo menos a metade das peças existentes no Museu pertenceu ao Dr. Blumenau. Muitos dos quadros e peças, vestimentas de uso pessoal, toalhas, colchas, etc., eram de propriedade de Edith Gaertner.

5.1 O Horto Florestal Edith Gaertner (3.000 m<sup>2</sup>) conforme vontade expressa da doadora, é mantido como ela o deixou. A Fundação Casa Dr. Blumenau cabe conservá-lo limpo, protegendo seus espécimes vegetais, em sua maioria representantes da flora inágena. Entre os muitos exemplares da flora do parque, alguns trazidos pelo próprio Dr. Blumenau, encontra-se um exemplar, já centenário, da *Gingko Biloba*, o primeiro plantado no Brasil, ainda no ano de 1870. Esta árvore, tida como sagrada pelos chineses, é considerada um fóssil vivo. Grande parte das árvores do Horto foi classificada pelo botânico Cônego Raulino Reitz, ex-diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Este Horto, juntamente com algumas de suas curiosidades (Cemitério de Gatos, Aquário, Escultura do Manequinho, etc), constitui uma verdadeira lição de história local. Dá uma idéia bem aproximada do que foi, nos começos da colonização germânica, a floresta que cobria o território banhado pelo Itajaí-Açu e seus afluentes.

5.2 Também no Horto Florestal os danos causados pelas águas da enchente, que em certos lugares subiram a mais de dez metros, foram bastante grandes. Desbarrancamentos (o horto margeia o Ribeirão Garcia), gigantescas árvores tombadas, camadas de lama de até trinta centímetros, empobreceram sua beleza paisagística e comprometeram o cuidado e o carinho com que vinha sendo tratado.

6. O que foi exposto acima é o desastroso e doloroso painel dos prejuízos que a catastrófica enchente de julho passado trouxe à esta Fundação Cultural. Do Governo Municipal pouco ou nada podemos esperar. Com seis enchentes, somente nesta metade do ano, os cofres públicos do Município mal podem atender os clamores e necessidades sociais da gente blumenauense. Só nos resta, portanto, o socorro e a boa vontade daqueles que conhecem as lutas, muitas vezes inglórias, para manter, nos dias difíceis que vivemos, uma Fundação Cultural. Nestas horas penosas cabe-nos, finalmente, dizer que acreditamos em tudo aquilo que represente um esforço dirigido em

favor do soerguimento e da reconstrução cultural e intelectual da nossa gente. Com esforços redobrados, e com sua valiosa e animadora colaboração, haveremos de honrar aquele punhado de bravos imigrantes que com sua coragem e vontade souberam implantar, às margens do Rio Itajaí-Açu, uma colonização cujo desenvolvimento e estágio constitui orgulho para todos os brasileiros. Só assim, com sua imprescindível compreensão e ajuda, haveremos de propiciar a ideal e adequada formação às lideranças e gerações futuras. Caso V. Sa. dê acolhida a nossos pedidos, esteja certo que nós da Fundação "Casa Dr. Blumenau, e, temos certeza, toda a comunidade blumenauense, lhe ficaremos eternamente gratos pelos relevantes serviços culturais prestados a nossa cidade.

No aguardo do Vosso pronunciamento, subscrevemo-nos reiterando protestos da mais elevada estima e admiração.

## AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

### I — CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS DO "CONTESTADO"

Nilson Thomé é um estudioso que, apesar de ainda jovem, já domina com muita segurança a "História Regional do Contestado", tema que se constitui para ele em autêntica e arrebatadora paixão. Dotado da insaciável curiosidade que caracteriza os verdadeiros pesquisadores, vem se atirando, de alguns anos para cá, ao trabalho estafante de colocar em livros os resultados de suas prolongadas e sérias incursões pelos reinos deveras complexos de diversas ciências, erigindo ensaios que buscam responder a angustiantes indagações do homem de hoje, quer daquela quer de outras regiões, e procurando com eles dar a sua contribuição, em nível científico, para acender luzes que lancem clarões nos momentos de longa obscuridade do passado humano em chão catarinense.

Foi assim que surgiram seus livros anteriores, começando por "Isto é Caçador", em que promoveu estudo geográfico desse município (1978) e prosseguindo com o interessante "Trem de Ferro", onde faz um levantamento histórico da ferrovia na região do Contestado (1980), para complementar a trilogia de seus ensaios regionais com o recentemente lançado "Civilizações Primitivas do Contestado" (Impressora Universal — Caçador — 1981).

Nesse volume, que exhibe desde logo o sinete do pioneirismo e da originalidade, o leitor sente a sensação curiosa de observar o autor se movendo para suas pesquisas em chão conhecido, próximo e familiar, quando trabalhos científicos dessa natureza costumam ocorrer

em regiões mais ou menos remotas e que pouco ou nada nos dizem. Mas é dali mesmo, desse solo avermelhado do Vale do Rio do Peixe, que Thomé parte, em caminhadas bibliográficas ou expedições verdadeiras por grutas e furnas, para perscrutar o mais longínquo passado do ser humano que ali viveu e formando o seu encadeamento até os dias de hoje.

A leitura, em algumas partes do volume, chega a ser empolgante, em especial para quem — como eu — conhece não só a região em suas generalidades, mas até mesmo alguns locais específicos de seus estudos (V.G.: o toldo extinto de São João dos Pobres, as grutas do Morro da Cruz). Outras passagens, rigorosamente documentadas, nos encham de pavor e tristeza, a exemplo do capítulo em que deparamos com a dizimação implacável (e vergonhosa) do elemento indígena, avultando a execrável figura do "bugreiro". Mas é assim mesmo, lamentavelmente, que o homem vem marcando suas conquistas e progressos ao longo da História.

Buscando as raízes do homem primitivo, descrevendo os antigos senhores dos campos e das matas, lamentando o desaparecimento injustificado e desnecessário das populações tribais, levantando os re-dutos indígenas do Contestado, Nilson Thomé arremata seus ensaios analisando a mesclagem indígena ao "caboclo" (portador de diferentes culturas e que merece ser olhado e tratado com respeito e admiração) e o legado do índio a esse mesmo "caboclo", aspecto que tem muito de surpreendente. Tudo isso vem lastreado em pesquisas próprias e extensa bibliografia, dentre a qual destaco as obras do saudoso Prof. Alvir Riesemberg, um autêntico e esquecido cientista social, cujos trabalhos tanto contribuíram para o conhecimento de regiões comuns a Santa Catarina e ao Paraná.

O livro de Thomé, em suma, é interessante e ilustrativo; ao mesmo tempo científico e agradável à leitura, fato bastante raro em obras do gênero, merecendo estudo e divulgação.

---

## II — UM REGIONALISMO PECULIAR

David Gonçalves é um regionalista singular. Guarda bem nítido do vínculo com a vida rural, na região norte-paranaense onde predomina a cultura do café. Segue aí as mesmas trilhas de Aracy Marques, — romancista que merecia melhor divulgação, — no seu grande "E o verde voltará..." Preferiria, se me fosse permitido opinar, que não se desse a alguns dos contos uma posição geográfica fixa (Jandaia). Bastaria que a região, em seu todo, se desenhasse por si própria, no correr da estória, evitando aquela estreiteza local de que nos acusam a nós regionalistas, liberando o leitor para vãos largos e imaginosos. Mas, dizia eu, David Gonçalves é um regionalista su: ge-

neris, eis que realiza, em seus contos, o casamento insólito e aparentemente impossível do regional com o fantástico.

Os contos desse escritor são rurais e contemporâneos. Neles aparece ainda a figura em extinção do coronel (hoje mais educado, menos poderoso e muitas vezes doutorado) em convívio com a máquina, o trator, o cinema, o "caminhão de lona". Ao seu redor pululam os desprotegidos "bóias-frias", em grande parte nordestinos, marginais de uma sociedade ávara.

Não são, porém, apenas esses os marginais dos contos de David Gonçalves, pelo menos aqueles que reuniu no volume "Lição de Amor" (Joinville — 2a. ed. — 1980). Dentro dessa marginalidade social e econômica ele vai pintar a marginalidade moral, como a prostituída, o marido condescendente, o assassino. Parece uma galeria formada de personagens catados no submundo ensolarado e esverdeante dos cafezais, travestidos em personagens vivos e ageis, a exemplo daquele Joãozó, primeiro condenado por crime que não cometeu, depois condenado por um ato perfeitamente justificado, e acabando por matar velhinhos, cheio de puro prazer. Regala-se de felicidade, por fim, com a idéia de que o suicídio, um dia consumado, representaria a fuga ao cumprimento do restante da pena.

Conhecedor do linguajar desse povo, o autor usa as coisas da cultura popular e com elas enriquece suas estórias. Diluídos no texto, encontramos versos característicos, como tantos que sobrevivem na tradição oral.

Eis alguns:

"Quatro coisas na vida,  
eu tenho me encabulado:  
candeeiro vazando,  
fogão desmantelado,  
almofada sem birro,  
e homem desempregado".  
(pág. 12).

Ou então:

"Quando a gente pensa que ama,  
desama;  
quando pensa que não ama, ama.  
E não sabemos porque..."

(pág. 23).

Também os ditos e as expressões populares surgem em profusão, alguns assemelhados aos do nosso interior. Como estes: "o dia-bo anda sempre de cuecas novas", "ninguém deve meter o nariz no que não lhe pertence", "o boi, em terra alheia, até as vacas lhe dão"

(equivalente ao "touro em rodeio alheio é vaca", dos nossos Gerais), "o desejo se espalhava como notícia ruim" (segundo a experiência do povo, ela se propaga mais depressa que a boa), "o amor é como o sono que não dispensa ninguém", "mulher que trai um, trairá cento e um", "colher de pau não é defesa", além de outras expressões como "arco-da-velha", "desinfeliz", "confins do judas", "beiradeava" (de beirada), "dito-cujo", "ciscar o terreiro", "sobreaviso", "picumã", a chuva "peneirada", também ouvidas dos campeiros catarinenses, com algumas variações, e que são, ao que parece, usuais em todo o interior. As semelhanças com a linguagem dos Gerais Catarinenses, no entanto, não são muitas. Residem mais na filosofia do povo, no seu conteúdo, do que na forma de expressão.

Não concordo, por isso tudo, com o crítico Gilberto Mendonça Telles, quando afirma que David Gonçalves tem um linguajar "trabalhado para ser popular". "Para mim, embora reconhecendo os demais aspectos ressaltados por aquele crítico, David Gonçalves é um autêntico e um espontâneo. A linguagem que emprega nos seus contos é aquela que ele ouviu e captou desde a infância, no convívio com o povo, a linguagem que ele, nos momentos de reencontro, há de usar sem sentir, com a naturalidade do estrangeiro que volta à língua-mãe. Porque no fundo, bem no fundo, ela é como brasa em pijoco: pode amortecer, mas não apaga nunca.

---

## BIBLIOTECAS PÚBLICAS E PARTICULARES. GALERIAS E OÍFICINAS DE ARTE. MUSEUS. PIANOS. TUDO FICOU DEBAIXO D'ÁGUA

Vilson do Nascimento

O Ateliê Livre da FURB inteiramente destruído. A Fundação Casa Dr. Blumenau com duas de suas unidades culturais parcialmente danificadas: Biblioteca Pública, Horto Florestal Edith Gaertner e Museu da Família Colonial (felizmente o Arquivo Histórico, recém-transferido para as dependências da antiga Câmara de Vereadores, ficou incólume). A Galeria Açu-Açu com metade de seu acervo (quadros, livros antiguidades) lesado. Bibliotecas escolares e particulares (professor e jornalista Gervásio Luz, advogados Arão Rebelo e Wilson de Freitas Melro e do musicólogo Eduardo Vidossich) inteiramente perdidas. Colecionadores e investidores artísticos com consideráveis prejuízos. Artistas plásticos com suas oficinas de trabalho tomadas pelas águas (Elke Hering perdeu aproximadamente dez mil desenhos entre projetos escultóricos, esboços, croquis, inclusive toda sua produção de Munich, Cesar Otacilio perdeu alguns trabalhos e certamente muitos outros artistas também perderam). Exposições interrompidas (Guido Heuer) outras canceladas (Dircéa Binder). O importantíssimo Festival de Inverno de Itajaí cancelado. Inúmeros pianos e outros instru-

mentos musicais destruídos. Originais de livros e pesquisas perdidos. Etc. etc. etc.

Este é apenas um ligeiro esboço do que foi invadido e inutilizado pelas águas da enchente (16,20 m) em Blumenau. Impossível avaliar os estragos em toda a bacia do Itajaí-Açu, onde o município de Rio do Sul, com intensa pulsação artística, também teve seu acervo e memória artístico-cultural quase ou inteiramente destruídos.

Não bastasse a tragédia nesta importante e rica região, também outras grandes áreas no Norte e Oeste do Estado, férteis em todos os aspectos e sentidos, foram profundamente prejudicadas

A situação é grave. Gravíssima. Antes a cultura artística sobrevivia ofegante sob a desastrosa condição econômica vigente no País. Agora, como se aquela não bastasse, outra desgraça, esta ainda mais trágica e assustadora, veio destroçar o que com muito custo e trabalho foi conquistado pela gente catarinense.

O que a comunidade cultural agora precisa, em todos os seus segmentos, é de apoio. Da prefeitura de Blumenau pouco, ou quase nada, podemos esperar. Resta-nos os governos do Estado e o federal. Do Estado vamos aguardar a sensibilidade e a "performance" da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, através da Fundação Catarinense de Cultura e outros órgãos a ela ligados. Também o Conselho Estadual de Cultura (que mês passado completou 15 anos) poderá interferir e colaborar conosco. Do governo federal através do Ministério da Educação e Cultura, Blumenau muito espera, visto muito ter contribuído para a formação e elevação do padrão e nível cultural (música, literatura, artes plásticas, teatro, educação) do povo brasileiro.

A hora é de união e solidariedade. Um substancial memorial poderá ser elaborado e subscrito por todas as entidades e setores artísticos prejudicados. O recém-criado e atuante Conselho Municipal de Cultura de Blumenau poderá centralizar os trabalhos de mobilização de classes, artistas e pessoas interessadas. Não podemos perder o entusiasmo nem abrir espaço à pusilanimidade.

Quase perecemos afogados, disse o crítico e poeta Osmar Pisani. Mas, e talvez até meio jocosamente, se respeitada a premissa de que a matéria prima do artista é a miséria e o sofrimento, teremos um fértil ciclo de criação e proliferação entre os artistas catarinenses.

**BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.**

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Séara Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

